

MARCEL DETIENNE E O EXPERIMENTO DA COMPARAÇÃO

Fábio Duarte Joly¹

Resumo: este artigo busca discutir a obra de Marcel Detienne tratando do seu contexto intelectual de produção e explorando particularmente sua proposta de comparação histórica. O argumento central é que sua análise da cultura grega está diretamente vinculada à crítica de uma determinada forma de comparativismo, presa a modelos nacionais.

Palavras-chaves: Marcel Detienne; Grécia; comparativismo.

Abstract: this article aims to discuss the works of Marcel Detienne focusing upon its intellectual context of production as well as its proposal for historical comparisons. The main argument is that his analysis of Greek culture is directly linked to the critique of a particular form of comparativism, related to national models.

Key words: Marcel Detienne; Greece; comparativism.

O helenista belga Marcel Detienne (1935) diplomou-se em Filologia Clássica na Universidade de Liège, na Bélgica, onde também defendeu doutorado em Filosofia e Letras em 1965. Sua formação intelectual, contudo, desenvolveu-se no meio acadêmico francês, notadamente na Escola Prática de Altos Estudos (École Pratique des Hautes Études – EPHE), onde se doutorou em Ciências Religiosas, em 1960. Na EPHE chegou a codirigir o Centro de Pesquisas Comparadas sobre as Sociedades Antigas. Em 1975, foi nomeado diretor de estudos em Ciências da Religião nessa mesma instituição, ocupando a cadeira ligada a religiões da Grécia antiga até 1998. Também presidiu um grupo de pesquisa no Centro Nacional da Pesquisa Científica (Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS), até 1996, intitulado “História e antropologia, abordagens comparativas”. Em 1992, passou a lecionar na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos, da qual hoje é professor emérito.

Dentre sua vasta obra, podemos destacar alguns livros: *Homero, Hesíodo e Pitágoras*. Poesia e filosofia no pitagorismo antigo (1962); *Do pensamento religioso ao pensamento filosófico – a noção de daimon no pitagorismo antigo* (1963); *Crise agrária e atitude religiosa em Hesíodo* (1963); *Os mestres da verdade na Grécia*

¹ Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

arcaica, com Pierre Vidal-Naquet (1967); *Os jardins de Adônis* – a mitologia dos temperos na Grécia (1972); *Métis* – As astúcias da inteligência, com Jean-Pierre Vernant (1974); *A cozinha do sacrifício em terra grega*, também com Jean-Pierre Vernant (1979); *A invenção da mitologia* (1981); *A vida cotidiana dos deuses gregos*, com Giulia Sissa (1989); *A escritura de Orfeu* (1989); *Dioniso a céu aberto* (1990); *A Deusa Palavra*, com Gilbert Hamonic (1993); *Apolo com a faca na mão* (1998); *Comparar o incomparável* (2000); *Como ser autóctone* – do puro ateniense ao francês de raiz (2003); *Os gregos e nós, uma antropologia comparada da Grécia antiga* (2005); *A identidade nacional, um enigma* (2010).

Esse breve panorama de sua vida e obra já aponta para características das linhas de pesquisa que o tornaram conhecido e debatido fora da França: a religião grega, como tema privilegiado de suas reflexões, e o comparativismo, como método para aproximar história e antropologia. Mas antes de adentrarmos nos temas recorrentes de sua obra e técnicas de pesquisa, é preciso passar em revista aspectos importantes de sua formação. Nesse caso, cabe notar inicialmente que o próprio Detienne reconhece como um marco em sua trajetória o encontro com Jean-Pierre Vernant (1914-2007), com quem travou contato inicial nos anos de 1960-2, em Paris, nos seminários de Louis Gernet²; depois viriam, inclusive, a publicar em conjunto. Vernant foi pesquisador do CNRS de 1948 a 1958, quando entrou para a EPHE. Eleito para o Collège de France, em 1974, ali permaneceu até 1984, quando se aposentou. Seus estudos abrangem um vasto leque de livros e artigos e demonstram uma ênfase na análise da política e da religião gregas nos quadros do surgimento da cidade na Grécia antiga e consequente afirmação da “razão”.³ Detienne descreve com as seguintes palavras sua estima por Vernant:

Vernant era um comparatista, no verdadeiro sentido do termo, é importante dizer. Não era propriamente um helenista, era professor

² Louis Gernet (1882-1962) obteve sua “agrégation de grammaire” na École Normale, no momento em que Paris era o centro dos estudos de filologia comparada. De 1907 a 1914 foi pesquisador na Fondation Thiers, dirigida por Émile Boutroux, professor de Durkheim. Durante esse período, Gernet formou-se em Direito, publicou um ensaio sobre o suprimento de trigo na Atenas clássica, que escrevera na École Normale, e trabalhou sobre suas duas teses, uma tradução e comentário do livro IX d’*As Leis*, de Platão, e um estudo sobre o desenvolvimento do pensamento jurídico e moral na Grécia. De 1917 ao final da Segunda Guerra Mundial, lecionou na Faculdade de Letras da Universidade de Argel. Em 1948, começou a ministrar aulas na área de sociologia jurídica na EPHE. A essa época também ocupou o cargo de secretário-geral e editor-chefe da revista *Année sociologique*.

³ Para as observações aqui tecidas sobre Vernant, retomo JOLY (2010, p. 173-92).

associado de filosofia, o que lhe permitia ter ideias. Tornou-se um pouco helenista, como Gernet, mas nunca foi um verdadeiro helenista, o que, para mim, é uma qualidade. Um verdadeiro helenista é geralmente preso ao mundo grego, enquanto, pelo contrário, Vernant me fez descobrir um espaço em que se colocava em perspectiva culturas e questões diferentes de acordo com a variabilidade cultural das sociedades agrupadas em torno daquilo que tomou forma na VI Seção da Escola de Altos Estudos. (ILLOUZ; TOURRAIX, 2008, p. 98)

Detienne refere-se aqui ao Centro de Pesquisas Comparadas sobre as Sociedades Antigas, criado em 1965 na EPHE e que depois passou a se chamar Centro Louis Gernet. Para Vernant, esse centro representou a possibilidade de uma prática de pesquisa que ele concebia como diferenciada, pois previa:

a união em um todo das ciências sociais e das ciências humanas, o estabelecimento de passagens entre setores diferentes, a criação de estruturas horizontais que recortam todo o campo dos diferentes saberes para recentrá-los em torno de um mesmo tema. (VERNANT, 2001, p. 48)

Com esse objetivo, tal Centro reunia também especialistas em Roma, China, Antigo Oriente Próximo, Egito e África. Seu método é assim exposto por Vernant:

Examinávamos, a partir de cada sociedade que estudávamos, os diversos aspectos que o religioso, o poder, a realeza, a guerra, a vida agrícola, o trabalho, a economia podiam revestir. Assim, cada um de nós era levado não só a interrogar-se sobre o modo como esses diversos planos se articulavam uns aos outros no seio de uma mesma cultura, como também a questionar a pertinência dessas categorias, que nos parecem óbvias, mas que se tornam problemáticas quando são aplicadas a civilizações historicamente distantes da nossa. (VERNANT, 2001, p. 49)

Não se tratava, portanto, de exclusivamente comparar as sociedades antigas entre si, mas de compreender as estruturas econômicas, religiosas e políticas de cada sociedade à luz de uma crítica das categorias modernas disponíveis para sua interpretação. O próprio Vernant, em sua obra, não se detém num comparativismo *stricto sensu* com outras sociedades antigas. Sua atenção recai nas relações entre política e religião, e entre mito e razão na Grécia antiga. Os trabalhos iniciais de Detienne seguiram essa perspectiva.

Seu primeiro estudo sobre o pitagorismo – *Homero, Hesíodo e Pitágoras. Poesia e filosofia no pitagorismo antigo* (1962) – foi bem recebido pela crítica

especializada, que elogiou seu rigor filológico e a proposta diferenciada do autor em atribuir a Pitágoras e seus seguidores um papel importante na revolução intelectual provocada pela passagem do mito à razão (*logos*). Pitágoras teria se apropriado da tradição épica homérica, mas se mantendo distanciado da figura do herói guerreiro; ademais, também não avançou na proposição de um herói cívico, pois os pitagóricos não se integraram plenamente à vida da cidade, ao permanecerem uma seita. Vê-se assim, uma relação direta com a obra seminal de Vernant, *As origens do pensamento grego* (1962), na qual a mesma ambiguidade aparece localizada na figura do sábio, ilustrando que inicialmente a filosofia aparentava-se às religiões de mistério: era um saber sobre a cidade, mas restrita a poucos iniciados. (VERNANT, 1994, p. 40s)

Essa questão da articulação entre o social e o religioso, num momento em que a *polis* como espaço político ainda não se afirmara plenamente, continua sob o foco de Detienne em seu ensaio de 1963 sobre crise agrária e atitude religiosa em Hesíodo.⁴ Tal crise é explicada como consequência do crescimento demográfico e correspondentes partilhas sucessivas de terras ao longo do século VIII a.C. que afetaram as comunidades camponesas. Com esse livro, o objetivo de Detienne é mostrar como a poesia de Hesíodo representa uma reflexão sobre esse estado de coisas a partir de uma concepção específica: o trabalho agrícola é entendido como uma prática religiosa. Nesse contexto, a obra de Hesíodo marcaria uma tomada de consciência dos problemas sociais ainda pautada por uma estreita conexão entre sociedade e religião, como se, nas palavras de José A. Dabdab Trabulsi, o relato literário ou mítico fosse explicado imediatamente pelo ambiente econômico e social, como transparece nessa passagem:

Por seus esforços sucessivos e convergentes, o problema inicialmente religioso e moral será progressivamente situado em seu contexto político. Com os sábios que vivem e pensam na cidade surgirá uma resposta política e moral, de caráter racional. O grande progresso será incontestavelmente, como escreveu Jean-Pierre Vernant, de abordar de maneira puramente positiva o problema da ordem e desordem no mundo dos homens. Hesíodo certamente não era um Tersites, mas tampouco era um Sólon. Em seu tempo, a *polis* ainda estava em gestação, e nenhuma reflexão positiva sobre as relações sociais poderia ter se desenvolvido, por meio da qual os

⁴ Sigo aqui DABDAB TRABULSI (1989, p. 117ss).

problemas da igualdade pudessem ser colocados. (DETIENNE, 1963, p. 62 apud DABDAB TRABULSI, 1989)

Para Detienne, em última instância o dado fundamental nesse processo de mudança histórica no período arcaico, rumo à criação de um domínio público caracterizado pela preeminência da palavra como instrumento de persuasão, é a existência de um grupo guerreiro cujas práticas institucionais influenciarão outras esferas da vida social. Como resume em artigo de 1965:

É na classe guerreira, “da qual a lenda épica perpetua mais ou menos a lembrança e a tradição”, que se formam certas concepções essenciais do pensamento político dos gregos. Desde a epopeia, a representação do espaço circular e centrado é solidário de duas noções complementares: a noção de publicidade e aquela de comunidade. [...] É na classe guerreira em que aparece através de práticas institucionais definidas, esta concepção de um espaço centrado e simétrico que vai aos poucos se afirmar sobre toda uma série de planos, da política à filosofia, passando pela geografia, história e mesmo pela escultura. (DETIENNE, 1965, p. 440s)

Predomina, assim, no pensamento de Detienne, um elemento igualmente marcante nas reflexões de Vernant e de outros integrantes da “Escola de Paris”, como o historiador Pierre Vidal-Naquet (1930-2006): o princípio de causalidade é pouco explorado, preponderando termos como “interferências”, “correspondências” ou “solidariedade”, revelando um estruturalismo vago e uma análise marxista em que o político (no caso ilustrado pela revolução hoplítica) é o elemento principal e estruturante. (DABDAB TRABULSI, 1989, p. 100-121)

Apesar dessa influência de Vernant em sua interpretação das transformações políticas e sociais na Grécia antiga, Detienne reconheceria posteriormente um limite importante dessa abordagem, e que foi bem sintetizado por Kostas Vlassopoulos: a *polis* torna-se uma entidade unitária e fator unificador da história grega, com um objetivo último de alçá-la, numa visão eurocêntrica, à condição de precursora do Ocidente e sua respectiva forma de racionalidade. Com esse intuito, a multiplicidade das *poleis*, em termos espaciais e temporais, é deixada deliberadamente em segundo plano, colocando-se em relevo *uma polis* – Atenas – como unidade autossuficiente de análise. (VLASSOPOULOS, 2007, p. 55s) O legado de Vernant, com sua imagem do “homem grego” como um espelho invertido do homem moderno, ao mesmo tempo em que é tomado como seu precursor, acabou, na

opinião de Detienne, a dissolver o projeto de um comparativismo experimental e construtivo que colocasse historiadores e antropólogos trabalhando lado a lado, como era o objetivo primevo da VI Seção da Escola de Altos Estudos. (DETIENNE, 2009, p. 75s) O resultado foi a promoção de uma “antropologia da Grécia antiga” em que os “os gregos em sua singular alteridade tornavam-se nossos vizinhos mais próximos e estimados”. (DETIENNE, 2001, p. 112)

Tal crítica é o ponto de partida para que Detienne proponha outra forma de se pensar a comparação entre sociedades ao longo do tempo e do espaço. Seu livro *Comparar o incomparável* (2000) apresenta-se como um manifesto em favor da construção de elementos comparáveis de um modo experimental. Para o autor, helenistas como Vernant ou o historiador norte-americano Moses Finley (1912-1986) desviaram-se desse caminho, apesar de preocupações iniciais em tratar comparativamente as sociedades clássicas, porque, ao final, continuaram atuando dentro dos quadros de uma história nacional. Desse tipo de história decorreria o postulado de que a comparação, quando feita, deve tomar sociedades vizinhas, contemporâneas (como Atenas e Roma) e de mesma natureza, “que progrediram na mesma direção, de mãos dadas, ou então entre grupos humanos que atingiram o mesmo nível de civilização e que, à primeira vista, oferecem de modo suficiente homologias para navegar com toda segurança”. (DETIENNE, 2004, p. 46) Isto é, compara-se apenas o que é comparável, sem abrir espaço para outras possibilidades.

Deve-se notar que, quando Detienne tece essas considerações, ele tem em vista sobretudo a historiografia francesa e especialmente um aspecto desta que ele entende como comum, seja a historiadores do século XIX e início do XX – como Ernest Lavisse –, seja à Nova História, com sua ênfase na história das mentalidades: o pressuposto de que há uma certa ligação genealógica com o passado, no sentido de que este leva o historiador a buscar diferenças e continuidades com uma “mentalidade contemporânea”, às vezes explicitamente considerada em sua especificidade francesa, portanto dentro de uma referência nacional. (DETIENNE, 2009, p. 66s)

Sua proposta é liberar a atividade intelectual de comparar sociedades de uma moldura nacionalista, que se mostra limitada ao impedir a formulação de novas hipóteses. Como alternativa, defende que o exercício da comparação deve iniciar-se

pela escolha de uma categoria particular que não seja excessivamente particular ou geral, para, em seguida, ser aplicada a contextos distintos por historiadores e antropólogos, sem se ater à preeminência de uma dada sociedade ou estabelecer ligações genealógicas entre as sociedades sob análise. Como ele argumenta:

Comparamos entre historiadores e antropólogos para construir comparáveis, analisar microssistemas de pensamento, esses encadeamentos que decorrem de uma escolha inicial, uma escolha que temos a liberdade de apresentar ao olhar de outros, escolhas exercidas por sociedades que, no mais das vezes, não se conhecem entre si. (DETIENNE, 2004, p. 65)

Um exemplo que bem ilustra esse procedimento reside na escolha de uma categoria como “a vontade de se reunir para discutir assuntos comuns”, ponto de partida do livro editado por Detienne, *Quem deseja tomar a palavra? (Qui veut prendre la parole?*, de 2003).⁵ A partir dessa categoria, questiona-se a ideia de uma invenção grega da política, de Atenas como berço da democracia, e colocam-se no centro do debate questões relativas a práticas concretas, tais como: quem inicia o processo de reunir uma assembleia? Onde ocorre a assembleia? Quais os rituais envolvidos nesse momento? Como se toma a palavra? Como se chegam às decisões? etc. Essas questões são, então, tratadas por especialistas diversos, cujos interesses abarcam desde comunas italianas da Idade Média e mosteiros budistas do Japão, até povos da Etiópia contemporânea e cidades gregas da Magna Grécia e Sicília.

Podemos dizer, por um lado, que sua intenção maior com essa abordagem, muito mais do que propor uma nova metodologia para se fazer uma história e/ou antropologia comparada, é desnacionalizar a maneira de ver o passado e o presente, colocando em xeque a primazia da Grécia como base de uma cultura ocidental que tem como sustentação as ideias de progresso e civilização. Seus livros mais recentes – *Como ser autóctone* – do puro ateniense ao francês de raiz (2003) e *A identidade nacional, um enigma* (2010) – apontam nessa direção. No primeiro título, Detienne se pergunta como se constrói a noção de autoctonia, colocando lado a lado Atenas, Tebas e a França. Já no segundo, ele aprofunda a questão, vinculando-a ao tema da identidade nacional. Desse modo, reitera que uma história

⁵ Para uma síntese dos argumentos desenvolvidos nessa obra, ver DETIENNE (2006, p. 67-86).

nacional serve de suporte a tal identidade, ao reforçar e elaborar ideologias nacionais, ou melhor, “mitologias de autoctonia”.

No contexto da trajetória intelectual de Detienne, essa proposta de comparativismo histórico consolida preocupações já presentes em seus estudos sobre religião grega, em especial naqueles que se seguiram à sua obra *A invenção da mitologia* (1981). (MORAES, 2009) Nesse livro, Detienne traça uma história dos estudos sobre mitologia, desde as cátedras instituídas de Mitologia Comparada, em universidades europeias entre 1850 e 1890, até as análises empreendidas por Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Georges Dumézil (1898-1986), nos anos de 1960. O próprio Detienne reconhece sua dívida frente a esses dois precursores de novas interpretações sobre o pensamento mítico. No caso de Lévi-Strauss, o autor sinaliza para o fato de que este antropólogo francês o teria influenciado a levar em conta, no estudo dos mitos gregos, todo um contexto etnográfico para a compreensão da variedade das narrativas míticas, ou seja, as referências a plantas, animais, minerais e, também, às práticas alimentares. (ILLOUZ; TOURRAIX, 2008, p. 103) Por outro lado, Detienne questiona o pressuposto implícito – constante na obra de Lévi-Strauss e de outros mitólogos –, de que a ciência do mito parte de uma visão grega dos próprios mitos, situando-os em contraste com um pensamento racional, filosófico. Em suas palavras,

de Xenófanes a Platão, o sentimento religioso dos gregos, escandalizado pela mitologia, se encontra na origem das primeiras interpretações. E quando a Ciência dos mitos inaugura seu discurso sobre a mitologia escandalosa, ela busca reproduzir as palavras e gestos dos ‘homens pios e inteligentes’ dos primórdios da Grécia. (DETIENNE, 1980, p. 102)

Detienne retomará o corpo desse artigo na introdução de seu livro *A invenção da mitologia*. Assim, filólogos como Friedrich Max Müller, Ludwig Preller e Alexander H. Krappe, na Alemanha, e Paul Decharme, na França,

buscavam, através do exame comparatista, desvelar o absurdo e o grotesco dos mitos. A explicação do caráter animalesco, as histórias selvagens, aventuras infames e ridículas, incestos, adultérios, assassinatos, roubos, atos de crueldade e canibalismo passou a ser o cerne daqueles que buscavam construir um discurso científico. Tratava-se, portanto, de uma ciência do escandaloso. (MORAES, 2009, p. 7)

Por outra linha, Detienne critica também Lévi-Strauss, quando este afirma que os gregos pensavam sua mitologia em termos de problemas análogos àqueles formulados pelos etnólogos modernos. Para Detienne, os gregos tornavam-se como que os precursores de uma etnologia estrutural, reforçando aquela ligação genealógica entre eles e nós.

No que diz respeito à obra do filólogo francês Georges Dumézil, Detienne ressalta que este ofereceu um modelo de abordagem para o politeísmo grego baseado na busca de complementaridades, oposições e hierarquias entre os deuses. Esse método visava uma mitologia comparada no campo dos estudos indo-europeus para definir denominadores comuns aos vários mitos, sejam greco-romanos, nórdicos ou iranianos, configurando as estruturas fundamentais de uma “civilização indo-europeia”. Embora reconheça os avanços possibilitados pelas reflexões de Dumézil, Detienne criticou sobretudo o paradigma de que cada deus poderia ser identificado, de forma segura, a partir de certas características constantes e definidas. Nesse sentido, o politeísmo grego mostrar-se-ia muito mais estático do que dinâmico.

Para superar esse limite, Detienne aposta numa abordagem experimental: em vez de analisar determinado deus (como Apolo, a quem dedicou estudos particulares) a partir de suas características e atributos mais evidentes a ponto de terem se tornado senso comum, deve-se inquirir sobre suas várias facetas, enfatizando seus traços desconhecidos ou desprezados, como revelados não apenas pela tradição literária, mas por testemunhos epigráficos e arqueológicos. Os deuses gregos, longe de serem unos, compartilhavam epítetos e gestos, de modo que seus domínios de autoridade podiam até se sobrepor. Por esse viés, quando Homero, por exemplo, escolhe certo número de atributos de um deus, ele o faz dentro de um conjunto maior de possibilidades. Cabe ao analista perscrutar quais outras formas de leitura verificavam-se na diacronia e sincronia.⁶

Pelo exposto acima, nota-se que a contribuição intelectual de Detienne incide num problema que tem se mostrado candente na área de História Antiga hoje em dia. Sabemos que a constituição da História como disciplina universitária no século XIX caminhou de mãos dadas com a ideia de “nação” e a própria institucionalização,

⁶ Sobre os pontos acima, consultar DETIENNE (1986, p. 47-55) e DETIENNE (1999, p. 127-49).

nesse momento, de uma *Altertumswissenschaft*, de uma “ciência da Antiguidade”, significou também um reforço dessa ideia, visto que radicou as origens do Estado nacional na Grécia clássica. Firmou-se a noção de uma Europa autogerada, cuja constituição, como civilização, desenvolveu-se de forma independente da América, da Ásia ou da África.⁷ Contudo, a concepção de nação mostra-se hoje anacrônica para estruturar a disciplina de História Antiga. Enquanto não tomarmos consciência dos limites das formas tradicionais que utilizamos na prática acadêmica cotidiana – “história grega”, “mitologia grega”, “homem grego” –, e que são derivadas da projeção da ideia de nação à Antiguidade, corre-se o risco de não colocarmos questões mais pertinentes para um mundo cada vez mais diferenciado e globalizado. (GUARINELLO, 2003, p. 41-62)

BIBLIOGRAFIA

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic roots of classical civilization*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

DABDAB TRABULSI, José A. Structuralisme et Grèce ancienne: autour du problème du changement historique. *Mélanges Pierre Lévêque*, Besançon/Paris, v. 3, 1989.

DETIENNE, Marcel. Back to the village: a tropism for hellenists? *History of Religions*, vol. 41, n. 2, 2001.

_____. *Comparar o Incomparável*. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

_____. *Crise agraire et attitude religieuse chez Hésiode*. Bruxelles: Latomus, 1963.

_____. Doing Comparative Anthropology in the Field of Politics. *Arion: A Journal of Humanities and the Classics*, Third Series, vol. 13, n. 3, 2006.

_____. Du polythéisme en general. *Classical Philology*, vol. 81, n. 1, 1986.

_____. En Grèce archaïque: géométrie, politique et société. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, n. 3, 1965.

_____. Experimenting in the Field of Polytheisms. *Arion: A Journal of Humanities and the Classics*, Third Series, v. 7, n. 1, 1999.

_____. Historical Anthropology? Comparative Anthropology?. *Arion: A Journal of Humanities and the Classics*, Third Series, v. 17, n. 1, 2009.

_____. Le territoire de la mythologie. *Classical Philology*, v. 75, n. 2, 1980.

GUARINELLO, Norberto L. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia: História e Sociedade*, 3, n. 1, 2003.

ILLOUZ, Charles; TOURRAIX, Alexandre. Marcel Detienne, “par-delà l'hellénisme: expérimenter et comparer”, *Géneses*, n. 73, 2008.

⁷ Sobre essa questão, pode-se consultar BERNAL (1987); QUIJANO (2005, p. 227-78).

JOLY, Fábio Duarte. Jean-Pierre Vernant. In: LOPES, Marcos A.; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.

MORAES, Alexandre Santos de. Marcel Detienne e os caminhos do comparativismo. *Revista de História Comparada*, v. 3, n. 1, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Eduardo (coord.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. *Entre mito e política*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek polis: Ancient Greek History beyond Eurocentrism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.